

CEDI - P. I. B.  
DATA 13 . 12 . 89  
COD. K9D18

RELATORIO DE VIAGEM A AREA KAMPA  
DO ALTO JURUA - MUNICIPIO DE CRUZEIRO  
DO SUL - ACRE, JANEIRO - FEVEREIRO 1989

MARGARETE K. MENDES

## Introdução

O presente relatório refere-se à viagem realizada à área indígena Kampa, durante os meses de janeiro e fevereiro de 1989.

O Centro de História Indígena/USF concedeu-nos o financiamento das passagens, ao que agradecemos.

A pesquisa proposta tem por objetivo uma etnografia dos Kampa, levando em conta a memória que o grupo tem de seus deslocamentos, enquanto uma possível via de acesso à sua história oral. Voltaremos a este ponto.

Tendo em vista a falta de dados disponíveis sobre os Kampa do Alto Juruá, o estudo que estamos empreendendo pode vir a ser constituir uma contribuição à etnologia da área Juruá-Purus.

Os Kampa habitam uma área compreendida entre os paralelos 10 e 14, latitude sul, e a oeste entre os meridianos 72 e 76. Totalizando um perímetro aproximado de mais de 100.000 quilômetros quadrados, envolve terras peruanas e brasileiras, enquanto área contínua, onde os Kampa se movimentam (Varese:1968:12).

Estimada em 26 mil indivíduos (Denevan:1971), a população Kampa em território peruano, concentra-se principalmente nos rios Apurimac, Ene, Perene, Tambo, Alto Ucayali e seus respectivos afluentes. Ainda em território peruano, habitam o altiplano do Gran Pajonal e o rio Pachitea. A parcela desta população que ocupa a área fronteiriça Brasil-Peru, distribui-se basicamente pelos rios Amônia, Breu, afluentes do rio Juruá, e Envira, tributário do rio Tarauacá. Não há uma estimativa global da população Kampa no Brasil.

O ponto de partida da viagem foi a cidade de Cruzeiro do Sul, no estado do Acre, onde permanecemos por dez dias devido a problemas de transporte. O tempo que passamos em Cruzeiro do Sul, consideramos como parte integrante do mapeamento da região, que é da maior importância para uma viagem de ordem exploratória, que visa levantar as condições de pesquisa.

Iniciamos a subida do rio Juruá no dia 28/01/89, numa embarcação com capacidade de 4 toneladas (um batelão). Viajando cerca de doze horas por dia, chegamos na primeira aldeia depois de seis dias. A navegação dos rios da região nesta época do ano - período de dezembro a março - é facilitada pelas chuvas de inverno.

A viagem foi forçosamente interrompida no dia 25/02/89, quando retornamos a Cruzeiro do Sul, por motivo de saúde, restringindo, ainda mais, o tempo de permanência nas aldeias.

Devido à curta duração de nossa estada entre os Kampa, visitamos apenas três de suas aldeias, das quais duas estão localizadas no rio Breu, e uma no rio Amônia. Estivemos ainda

numa aldeia do grupo Kashinawá, situada no rio Breu, próxima a uma aldeia Kampa.

Foi feito recenseamento das aldeias visitadas, cujos resultados serão apresentados mais adiante. Não pudemos obter uma noção do conjunto demográfico Kampa da região do alto Juruá, devido ao tempo restrito de que dispunhamos então. Mas conforme informações de Anthony Seeger e Arno Vogel, num relatório feito sobre viagem realizada à área Kampa em 1978, a cifra populacional do grupo no alto Juruá é muito reduzida, comparada à sua presença em território peruano. (A. Seeger & A. Vogel:23:1978)

Procedemos a recolha de um vocabulário, assim como da terminologia de parentesco.

Foi iniciada a coleta de histórias de vida e de história das aldeias.

### ALGUMAS NOTAS ETNOGRAFICAS

Os Kampa, do ponto de vista linguístico, estão vinculados à família aruak.

De acordo com classificação feita por P. Rivet e C. Tastevin, das línguas da América do Sul, os Kampa encontram-se no grupo dos "Arawak pré-andinos", juntamente com os Piro do Ucayali, os Konibo e Kanamari do Juruá, Apurinã, Marawan, Maniteneri, Inapari, e o dialeto Pajaguara (apud Varese:1968:12)

Julian Steward e Alfred Métraux, no Handbook of South American Indians (Steward:1944-1949), situam os Kampa junto aos povos de fala Arawak, não citando outras particularidades.

Já C. Loukotka (1935), em Clasificación de las Lenguas Sudamericanas, utiliza também a designação "Arawak pré-andino" para 14 línguas, entre as quais, insere-se a língua Kampa.

Em seu livro Línguas Brasileiras, Aryon D. Rodrigues (1986) refere-se aos Kampa como pertencentes à família linguística aruak, não mencionando qualquer outra especificação.

Segundo Stefano Varese, a questão da fronteira linguística é ainda hoje, bastante controversa, pois, não há um consenso dos estudiosos de línguas aruak, sobre os possíveis subgrupos do idioma Kampa. Há quem diga que os Machiguenga são um subgrupo Kampa, opinião não compartilhada por S. Varese (Varese:1968:12)

Já P. Rivet e C. Tastevin, consideram não só os Machiguenga, como também os Anti, e os Katongo, como denominações diferentes do grupo Kampa (apud Varese:1968:12).

Pode-se dizer, que todos estes designativos têm um ponto em comum com o nome Kampa, pois, são nomes atribuídos por aqueles que estão fora dessa sociedade, os não-Kampas. Ashaninka é a sua auto-denominação. Ashaninka significa povo, gente, os homens (Varese:1968:13).

Os Ashaninka vivem da caça e da agricultura,

organizados em pequenos grupos espalhados pela floresta (Denevan:1971). Suas aldeias são compostas, na maioria das vezes, de uma a seis famílias nucleares ligadas por relações de parentesco. São em geral monogâmicas, o que não exclui a poliginia vinculada a homens de prestígio. A relação entre a poliginia e a posição masculina de caçador e guerreiro, associado a uma extensa parentela, constitui-se uma hipótese levantada por A. Seeger e A. Vogel (1978:38), a ser testada.

A terminologia de parentesco aponta para um sistema de duas seções. A seguir, listaremos os termos de parentesco.

marido	õymi
esposa	ina
irmão do marido	imitori
esposa do irmão	inatori
irmã do marido	atxõyni
marido da irmã	ãni
irmão da esposa	ãni
irmã da esposa	inatori

pai	paapa	
mãe	naana	
irmão do pai	pawatxori	
irmão da mãe	kõnki	
irmã do pai	yõyni	
irmã da mãe	naanãyni	
irmão	ari	(m)
irmã	ẽntxu	(m)
irmão	yeye	(h)
irmã	totow	(h)

filho	itomi	
filha	xĩntxu	
filho da irmã	ifõtsi	(h)
filha do irmão	xĩntxu	(h)
filha do irmão	aniriw	(m)
filho da irmã	itomitori	(m)
filha da irmã	xĩntxu	(m)
filho do irmão	ifõtsi	(m)
filho do irmão	itomitori	(h)
filha da irmã	aniriw	(h)
marido da filha	ifõtsi	(h)
marido da filha	nutsineri	(m)
esposa do filho	aniriw	(h)
esposa do filho	aniriw	(m)

pai da esposa	kõnki
mãe da esposa	yõyni

pai	do marido	koköyni	
pai	do pai	txarini	(h)
pai	da mãe	txarini	(h)
mã	do pai	ixëni	(h)
mãe	da mãe	ixëni	(h)
pai	do pai	api	(m)
pai	da mãe	api	(m)
mãe	do pai	ameni	(m)
mãe	da mãe	ameni	(m)
neto		ixari	(m)
neta		ameni	(m)
neto		itxarinite	(h)
neta		yápite	(h)

O casamento preferencial 'entre primos cruzados reais ou classificatórios. Na terminologia estão dados os mesmos designativos para primos cruzados e cunhados. De modo correlato, os termos para irmão da mãe e irmã do pai, coincidem, respectivamente, com aqueles para sogro e sogra.

Stefano Varese nos diz que o padrão de residência é uxorilocal após o casamento, porém de caráter temporário, incluindo prestação de serviços ao sogro (Varese:1968:17).

Como a mudança de residência pós-marital não é definitiva, S. Varese (1968:16ss) encontra aqui uma das causas da constante mobilidade dos estabelecimentos Ashaninka. Além disso, o abandono da casa e da roca, por ocasião da morte de um membro adulto da família, constitui-se uma outra causa dos movimentos das unidades sociais, conforme S. Varese (1968:17).

A extrema mobilidade dos Ashaninka no Alto Juruá, rendeu-lhes o qualificativo de "povo de arribação", junto a população regional. Para Seeger e Vogel, a itinerância constitui um traço marcante desta sociedade, que pode encontrar sustentação em princípios culturais (Seeger & Vogel:1978:26).

A migração dos Ashaninka para o Brasil é relativamente recente, segundo informações de A. Seeger e A. Vogel(1978:23). O grupo encontra-se na região do Alto Juruá há cerca de quarenta ou cinquenta anos.

As razões fornecidas pelos Ashaninka, para explicar seu estabelecimento no Brasil, estão ligadas à procura de trabalho, à busca de melhores padrões. Quanto aos motivos internos de seus deslocamentos - que pelo que nos consta são constantes - nada sabemos, mas gostaríamos de levantar algumas hipóteses. Então vejamos.

Segundo S. Varese, a questão da resistência cultural dos Ashaninka, constitui-se um caso curioso, dado aos quatrocentos anos de contato que este povo tem com o mundo dos brancos. Os primeiros contatos se deram no século XVI(Varese:1968). Afirma este autor que a identidade Ashaninka se manteve forte, graças ao seu não enquadramento em qualquer circuito da sociedade envolvente, seja de ordem econômica ou religiosa. Acrescenta ainda, que a mobilidade dos estabelecimentos constitui-se uma causa importante desta conduta.

Tendo em vista a afirmação de S. Varese, arriscamos a hipótese de que a mobilidade não figura como causa da resistência cultural do grupo, mas como eixo orientador da sociedade, enquanto necessidade dada no plano mítico. Há um mito Machiguenga, povo linguístico-culturalmente relacionado com os Kampa, cujo tema é especificamente o da mobilidade. Os Machiguenga precisam estar constantemente se deslocando, caminhando para que o sol não caia, pois, um dia o sol após um desentendimento com a lua, começou a cair e sua luz a se apagar. Os Machiguenga desesperados na escuridão ouviram a voz do seripigari(xamã) dizer que era preciso andar, andar. O dia que deixassem de andar trariam abaixo o sol, e então tudo se acabaria.

A nossa proposta é no sentido de verificar a existência de elementos que venham dar sustentação à hipótese de que a mobilidade enquanto princípio estrutural orientador da sociedade Ashaninka, possa, através da atualização do seu conteúdo (B. Albert:1988:108), figurar como estratégia simbólica de resistência cultural.

As próximas etapas da pesquisa constituir-se-ão em dar continuidade à leitura da bibliografia, e em retornar à área Ashaninka no mês de outubro de 1989.

### Censo da população Ashaninka no Alto Juruá

Por razões já explicitadas anteriormente, nossos dados demográficos são parciais, ou seja, referem-se somente aos três estabelecimentos visitados.

As dificuldades de se conseguir um quadro demográfico seguro, estão vinculadas à extrema mobilidade dos agrupamentos, o que parece constituir um elemento fundamental para a sociedade Ashaninka. Pensamos ser este, um veio rico a explorar.

A seguir, apresentaremos os resultados do censo realizado.

Ashaninka do rio Breu

Faixa etária	Homens	Mulheres	Total
0 - 5	4	6	10
5 - 10	4	2	6
10 - 15	0	2	2
15 - 20	1	4	5
20 - 25	3	1	4
25 - 30	0	0	0
30 - 35	1	1	2
35 - 40	2	1	3
40 - 45	1	1	2
50 - 55	0	0	0
55 - 60	0	0	0
60 - 65	1	0	1
65 - 70	0	0	0
	17	18	35

Ashaninka do rio Amônia

Faixa etária	Homens	Mulheres	Total
0 - 5	1	3	4
5 - 10	4	4	8
10 - 15	4	5	9
15 - 20	8	3	11
20 - 25	4	2	6
25 - 30	3	2	5
30 - 35	0	0	0
35 - 40	1	1	2
40 - 45	4	2	6
45 - 50	0	0	0
50 - 55	0	0	0
55 - 60	0	0	0
65 - 70	0	0	0
	29	22	51



Kashinawá do rio Breu - Boa Nova

Faixa etária	Homens	Mulheres	Total
0 - 5	1	2	3
5 - 10	1	0	1
10 - 15	0	0	0
15 - 20	0	0	0
20 - 25	0	1	1
25 - 30	1	0	1
30 - 35	0	0	0
35 - 40	0	0	0
40 - 45	0	0	0
45 - 50	0	0	0
50 - 55	0	0	0
55 - 60	0	0	0
60 - 65	1	1	2
65 - 70	0	0	0
	4	4	8

## Bibliografía

- Albert, Bruce - La Fumée du Metal. Histoire et Représentations du Contact chez les Yanomami in L'Homme 106-107, avril-sept.1988, XXVIII (2-3), pp. 87-119.
- Denevan, William M. - "Campa Subsistence in the Gran Pajonal" in Lyon, P., ed., Native South Americans. Ethnology of the least known Continents 1974. Boston-Toronto, Little, Brown & Co.
- Loukotka, C. - Clasificación de las lenguas sudamericanas, Praba, Edic. Lingüística Sudamericana, n 1, 1935, p. 21.
- Rodrigues, A. D. - Línguas Brasileiras, Edições Loyola São Paulo, 1986.
- Seeger, A. & Vogel, A. - Dados Complementares para a Delimitação e Demarcação de Área indígena para os índios Kampa do Alto Juruá, Município de Cruzeiro do Sul - Acre, datilo, 1978.
- Steward, J. & Metraux - "Tribes of the Peruvian and Ecuadorian Montaña" in Handbook of South American Indians, vol. 3, Washington, D.C., Smithsonian Institution, 1944-1949.
- Varese, Stefano - La Sal de los Cerros. Notas Etnográficas e Históricas sobre los Campa de la Selva del Peru. Universidad Peruana de Ciencias y Tecnología, Departamento de Publicaciones. Lima, 1968.